

## **OS MINEIROS EM SANTA CATARINA: EMPREGO, SALÁRIOS, RELAÇÃO CAPITAL X TRABALHO E PRODUTIVIDADE DA MÃO-DE-OBRA (1980-1999).**

Maurício Aurélio dos Santos<sup>1</sup>  
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC

Este trabalho tem por objetivo ajudar a entender quais as conseqüências da adoção do neoliberalismo, com sua desregulamentação e suas privatizações, para o mercado de trabalho do setor carbonífero de Santa Catarina<sup>2</sup>, nos aspectos ligados a oferta de vagas no mercado de trabalho, aos salários, passando pela sindicalização e pela produtividade da mão-de-obra. Ele foi elaborado a partir dos dados e das reflexões que estão presente em minha tese de doutoramento em história econômica, na Universidade de São Paulo, USP (Brasil), (2001), intitulada “Acumulação, geração de emprego e diversificação da economia no Sul de Santa Catarina (Brasil): carvão, cerâmica e a indústria de plásticos”.

O processo de consolidação do setor carbonífero em nossa região de estudo se deu no início do século XX sob a proteção do Estado e estava ligada a substituição de importações imposta pelas crises mundiais. O setor vivia seus momentos de crescimento quando a economia mundial passava por crises. Foi assim com a Primeira Guerra Mundial, com a Crise de 1929, com a Segunda Guerra Mundial, Crises do Petróleo etc.<sup>3</sup> e o Estado brasileiro criou diversos mecanismos para proteger a atividade que representava uma fonte de energia cara, mas essencial para substituir os energéticos importados nos momentos em que seu preço estava alto ou com acesso dificultado. Assim, estudar quais as conseqüências da adoção do neoliberalismo, que impôs a desregulamentação da atividade e a privatização da Carbonífera Próspera e de toda uma estrutura, como o lavador de Capivari, obrigando o setor a se adaptar a uma realidade para a qual ele não estava preparado, com graves conseqüências ao mercado de trabalho.

---

<sup>1</sup> Doutor em História Econômica pela USP, professor da UDESC, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC e líder do grupo de pesquisa “Instituição, Políticas Públicas e Trabalho”.

<sup>2</sup> A Indústria Carbonífera de Santa Catarina localiza-se no Sul do Estado, único lugar do Estado com a presença deste mineral. Santa Catarina é o penúltimo estado do Sul do Brasil, que faz fronteira com a Argentina e fica próximo aos demais países membros do Mercosul e vem, desde 1960, apresentando índices de crescimento industrial superiores a média brasileira.

<sup>3</sup> Sobre as crises da atividade de mineração do carvão no Sul de Santa Catarina ver SANTOS, 1997.

Nossa região de estudo foi colonizada, principalmente, por imigrantes italianos, que tinham a base da atuação econômica concentrada, inicialmente, na agricultura. Antes dos italianos, entretanto, já eram registrados em Laguna os vicentistas, vindos de Santos-SP e originários de São Vicente de Fora - Portugal; e alemães, que procederam de São Pedro de Alcântara<sup>4</sup>, via Braço do Norte, Armazém, São Ludgero, dentre outras.

Dos municípios produtores de carvão, Urussanga foi o primeiro a ser povoado (1878), em terras do município de Tubarão, desmembrando-se em 1900. De Urussanga, surgiram três vilas, que mais tarde se transformaram em municípios: Nova Belluno, hoje Siderópolis, colonizada em 1891 e emancipada em 1958; Morro da Fumaça, ocupada em 1910 e emancipada em 1962; e Cocal do Sul, fundada em 1895 e emancipada em 1991.

Em 06 de janeiro de 1880, dois anos após Urussanga, é fundada e efetivamente ocupada São José de Cresciúma, hoje Criciúma, que teve sua colonização inicial igualmente feita por italianos. Recebe, pouco depois, a contribuição de poloneses (1891) e, mais tarde (1912), de alemães. De Criciúma surgiram três vilas, que depois de passarem a distritos tornaram-se municípios: Nova Veneza, emancipada em 1958, Içara em 1961 e Forquilha em 1989.

Lauro Müller<sup>5</sup> foi o único município produtor de carvão que teve sua origem ligada à extração do carvão. Assim, com exceção de Lauro Müller, a região tinha como primeira atividade econômica a agricultura, como vimos, e como atividade complementar à pecuária de subsistência.

Antes de sua fundação a região era trilhada por tropeiros que desciam a Serra do Doze (Serra do Rio do Rastro) rumo a Laguna, no litoral, e que descobriram o carvão. A partir daí, a área carbonífera do Sul do Estado passou a ser objeto de estudos geológicos, dos quais resultariam, efetivamente, as perspectivas futuras de desenvolvimento econômico da região e a base de sua estrutura urbana.

Nossa região de estudo conseguiu amenizar os efeitos das grandes crises mundiais por possuir energético alternativo às fontes tradicionais de energia, e com isso viveu

---

<sup>4</sup> São Pedro de Alcântara foi o primeiro núcleo de colonização alemã em Santa Catarina, estabelecido em 1828 e que por diversos motivos não prosperou.

<sup>5</sup> A vila foi fundada em 1885, ano em que teve início a exploração, com o nome de Estação das Minas. Em 1921 foi elevada à categoria de distrito e, em 1956, é emancipada de Orleans. “Seu nome é uma homenagem ao ex-governador Lauro Müller que, quando Ministro da Viação e Obras Públicas, do Governo Federal, muito fez em prol das atividades de mineração do carvão na região”. (PBDEE, v. I, p.36. AMREC/UNESC, 1997).

momentos de prosperidade e de baixo índice de desemprego, se comparado com outras regiões do país, fruto do aumento do consumo do carvão, como aconteceu quando da I Guerra Mundial, da Crise de 1929, da II Guerra Mundial e das Crises do Petróleo da década de 1970, assim como quando da grande crise nacional do começo da década de 1980. A partir dali as coisas mudaram.

Se até então o modelo adotado pelo Brasil era o de Estado forte, interventor na economia, com os ventos neoliberais que começaram a soprar por terras verde e amarela, e com a diversificação da economia regional, esse quadro mudou radicalmente. Primeiro pelo desmonte que sofreu a atividade de mineração do carvão, frente à política neoliberal, segundo pelo crescimento de outros setores, redundando num quadro completamente suscetível às variações na economia extra-regional e ao seu ritmo no crescimento econômico, cada vez menos protegido pelo Estado, que no afã de se tornar enxuto, magro, para agradar os organismos internacionais, caminha para a sua anorexia, para parafrasear BOXBERGER & KLIMENTA<sup>6</sup>.

O modelo apregoado pela economia política neoliberal, com sua flexibilização, desregulamentação e privatização, tem espalhado enorme desemprego, só visto em algumas partes do mundo em épocas de grandes conflitos, como as Guerras Mundiais. A desproletarização do trabalho fabril, industrial, fruto do avanço tecnológico que diminuiu o volume de trabalho vivo em detrimento do trabalho morto, incorporado nas máquinas, nos instrumentos de trabalho e na tecnologia, aliada à economia política dominante e seus efeitos para o mercado de trabalho, já foi muito bem explorada por ANTUNES, BOXBERGER & KLIMENTA, TEIXEIRA & OLIVEIRA, SINGER, para citar apenas alguns.

No Brasil, podemos citar inúmeros exemplos de setores que estão sofrendo com a reestruturação produtiva imposta pela política neoliberal, que vem reduzindo, e em muito, as oportunidades de trabalho de diversas categorias, entre eles a dos bancários e a dos metalúrgicos, as que sofreram maiores perdas<sup>7</sup>.

Todos esses arranjos, aliados a uma série de outros fatores, têm levado o setor secundário a ocupar a posição que detinha em 1940, quando absorvia apenas 11% da

---

<sup>6</sup> BOXBERGER & KLIMENTA, 1999:106-116.

<sup>7</sup> Ler GENTILI, 1995; OURIQUES & RAMPINELLI, 1997; TEIXEIRA & OLIVEIRA, 1998; ANTUNES, 1998; SINGER, 1999; ANTUNES, 2000; FERREIRA, & ALVIM, 2001; CARNEIRO, 2002; ANTUNES, 2003.

mão-de-obra empregada no Brasil. A diferença é que naquela época o maior absorvedor de mão-de-obra era o setor primário, e hoje é o terceiro que mais emprega no Brasil. O problema é que, apesar do setor terciário vir aumentando absoluta e proporcionalmente o número de empregados, esse aumento não tem sido suficiente para atender à demanda de trabalhadores liberados pelas indústrias, quanto mais para atender àqueles que têm chegado ao mercado de trabalho, sem falar na alta potencialidade que o setor terciário tem de promover avanços tecnológicos e liberar mão-de-obra. Em Santa Catarina o emprego industrial vem caindo desde a década de 1980, embora tenha-se agravado na década de 1990<sup>8</sup>, quando só na indústria de transformação, segundo pesquisa da Federação da Indústria do Estado de Santa Catarina - FIESC<sup>9</sup> e do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos - DIEESE-SC<sup>10</sup>, reduziu-se o número de vagas em quase 50%.

*“Estudo divulgado recentemente pela administração estadual, elaborado a partir dos registros do Ministério do Trabalho (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados e Relação Anual de Informações Sociais), indica redução de quase 103 mil vagas em Santa Catarina no período 1990-1998, a esmagadora maioria na indústria de transformação.”<sup>11</sup>*

O desemprego não é somente um problema estrutural, tendo a ver também com a conjuntura maior, isto é, com a política nacional. Para melhor compreender nossa problemática vamos ver em que medida as questões estruturais, do avanço tecnológico e as conjunturais, orquestradas pela adoção do neoliberalismo como política econômica, influenciaram no mercado de trabalho do Sul de Santa Catarina, a partir do setor carbonífero, quanto à oferta de empregos, à concentração da mão-de-obra por indústrias, às relações entre o capital e o trabalho, à evolução dos salários e o faturamento das indústrias por empregado, à formação e à qualificação profissional.

## A Oferta de Vagas

---

<sup>8</sup> SANTOS, 1997:124, aponta um crescimento de 220%, no acesso ao seguro desemprego em nossa região de estudo, de 1988/89, repetindo outro crescimento de 204% de 1989/90 e outro grande crescimento de 1990/91, na ordem de 128%. “É importante ressaltar que, de 1988 a 1991, houve um aumento na procura pelo benefício na ordem de 522,7%”, diz ele.

<sup>9</sup> Pesquisa que mede a oferta de vagas na indústria catarinense em quase 380 indústrias.

<sup>10</sup> DIEESE-SC, 1999:73.

Analisando os dados da oferta de mão-de-obra do setor carbonífero (Tabela 01) podemos observar que a mesma veio crescendo desde 1970, quando oferecia 6.000 vagas<sup>12</sup>, até 1984, com 10.898 empregos diretos. Neste período, a única exceção foi o ano de 1981, quando o setor sofreu uma redução de 14,2% em relação ao ano anterior, uma espécie de aviso do que estava por vir. O primeiro sinal já havia sido dado em 1981, e em 1985, 1986 e 1987 a oferta de vagas caiu 3,3%, 7% e 6,4%, sempre em relação ao ano anterior, respectivamente, representando uma queda de 15,6% no total de vagas no setor no período de 1980 a 1987. Os anos de 1988 e 1989 foram exceção ao movimento de queda iniciado em 1985: as vagas subiram de 9.264<sup>13</sup> (1987) para 12.785 em 1988 e depois para 13.735 em 1989. Aliás, este foi o pico na evolução da oferta de empregos no setor, e esse aumento não tem nenhuma razão aparente, uma vez que de 1987 para 1988, embora a produção tenha aumentado 22%, o emprego aumentou 39%. Já de 1988 para 1989 a produção encolheu 15% e o emprego continuou crescendo, atingindo um índice de 7%, representando um aumento, para o biênio em questão, de 3,7% na produção e de 49,8% para o emprego, fazendo com que a produtividade da mão-de-obra atingisse o índice mais baixo de que se tenha notícia no setor carbonífero.

**TABELA 01 - NÚMEROS DE EMPREGADOS DAS INDÚSTRIAS CARBONÍFERAS DE SANTA CATARINA**

Empresas	1981	1982	1985	1987	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
Próspera	2.021	2.274	2.139	2.462			300	405	422	491				
Metropolitana	609	651	1.151	638	788	851	436	487	438	477	541	624	626	590
Criciúma	1.220	1.520	1.534	1.730	920	816	678	633	686	723	536	605	499	523
CCU	2.296	2.303	2.037	1.869	1.553	1.241	695	811	612	508	346		zero	
Treviso	310	313	308	297	78	78	98	151	66	192	154	157	zero	zero
CBCA	778	1.155	1.522	704	547	599	511	780	707	434	376	405	414	381
Barro Branco	666	664	659	557	362	378	317	339	167	95	18	03	04	53
IBRAMIL	77	117	335	281	97	165	120	54	33	32	18	12		
Catarinense	420	443	408	366	252	243	257	256	246	288	254	280	237	222
Palermo	279	231	98	64										
COCALIT	339	476	188	141	35	41	41	103	93		87	102		85
Rio Deserto			157	155				82	40	03			561	665
Barão Rio Branco	307													
Belluno									105	164	-	145	189	284
Santa Luzia													155	
Comin													61	77
Cooperminas													414	386
Minageo													30	28

<sup>11</sup> LINS. Apud. SANTOS, 1999: 205.

<sup>12</sup> Sendo 23.440 dependentes da atividade.

<sup>13</sup> Segundo p. 201 do Informativo Anual da Indústria Carbonífera, DNPM, 1988, ano base 1987, havia em 1987 9.129 empregados nas carboníferas, entretanto os números que compuseram esta soma, não fecham com os apresentados no mesmo documento, quando apresentados por empresa, das páginas 15 a 134. Por orientação do próprio DNPM, estamos considerando os valores informados por empresa.

Pérola								87						
São Domingos														45
TOTAL	9.322	10.147	10.536	9.264	4.632	4.412	3.453	4.293	3.615	3.404	2.330	2.333	2.776	2.953

Fonte: 1. Para 1981, 1982, 1985, 1987, 1993, 1994, 1995, 1998 e 1999 - Informativo Anual da Indústria Carbonífera, DNPM

2. Demais anos SIECESC.

Podemos especular que tal comportamento (redução da produtividade da mão-de-obra pela diminuição da produção sem a diminuição do emprego) tenha se dado em função de os empresários do carvão não acreditarem que a crise perdurasse por muito tempo, não sendo tão profunda como foi, até porque não tinham vivido crise desta amplitude. Outra possibilidade, que não exclui a anterior, é de estarem iludidos com as promessas do candidato à presidência da República, Fernando Collor de Mello, crenças que o comprometimento dos políticos conservadores com a burguesia nacional e com o enriquecimento privado não tivesse sido abalado pelos ventos neoliberais, primeiro por não entender muito bem o que é e quais os efeitos desse viés ideológico e econômico<sup>14</sup>, segundo em função da polarização produzida pela mídia, durante o processo eleitoral, no qual Collor representava a família e a propriedade privada, e o Lula<sup>15</sup> o comunismo, o velho, e o fim da propriedade privada dos meios de produção. O que os empresários não conseguiram entender, ou não queriam, é que no discurso de modernidade de Collor havia entrelinhas nas quais o desmonte do Estado e o sucateamento da indústria nacional estavam embutidos. Uma outra possibilidade pode ser a auto-confiança das lideranças dos mineradores, que até então, conseguiram extrair vantagens em sua relação com o poder público.

É importante registrar aqui que as medidas neoliberais para a atividade carbonífera já vinham sendo adotadas no Governo Sarney, com o fim dos subsídios, por exemplo, muito embora seu efeito nem sempre tenha sido imediato. Além disso, muitos estudiosos creditam ao Collor a adoção do receituário neoliberal na atividade, com a desregulamentação da atividade, que foi a atitude mais drástica, mas não a primeira,

<sup>14</sup> Até porque a atividade de mineração de carvão no Sul de Santa Catarina, por estar sustentada na produção de carvão metalúrgico, vivia basicamente das benesses de um Estado regulador e autoritário.

<sup>15</sup> Luiz Inácio Lula da Silva, candidato a Presidência da República pelo Partido dos Trabalhadores – PT, vencido nas eleições de 1990, no segundo turno.

constituindo-se na verdade em uma continuação da política adotada pelo Sarney para o setor.

É no começo da década de 1990, com a posse de Fernando Collor de Mello na presidência da República, que o setor carbonífero, viveu o seu pior momento. As privatizações iniciadas no governo da Nova República, de José Sarney, e aceleradas no governo Collor, somadas à desregulamentação da atividade, provocaram uma redução de 66,3% na oferta de vagas no mercado de trabalho, quando, em valores absolutos, houve uma redução de 9.103 postos de trabalho. Só a privatização da Carbonífera Próspera jogou na rua, em maio de 1990, mais de 1.570 mineiros<sup>16</sup>. Foi nada menos do que 11,4% da força de trabalho empregada no setor em 1989, sendo o restante das demissões motivadas pela desregulamentação da atividade. Em Santa Catarina foram demitidos, em 1990, 47.268 trabalhadores, sendo 9.103 no setor carbonífero do Sul do Estado, 19,4% do total. Se levarmos em consideração que o setor cerâmico do sul de Santa Catarina contribuiu com mais de 11,6%, só esses dois setores na nossa região de estudo participaram com 31% do total.

Como solução a privatização da Carbonífera Próspera os trabalhadores propuseram a co-gestão como passagem para a constituição de cooperativa, mas a mesma não foi aceita pelo governo, que atendeu o lobby dos empresários do carvão, que não desejavam presenciar a existência de mais uma cooperativa de trabalhadores, como havia ocorrido com a CBCA em 1987<sup>17</sup>, e do próprio governo federal, que precisava mostrar logo de início aos bancos internacionais o seu comprometimento com a política neoliberal, mesmo tratando-se de uma empresa que tinha apresentado um lucro de 12 milhões de cruzeiros em 1989.<sup>18</sup>

Em 1999 o setor ofereceu 2.518 vagas, uma redução de 11.217 postos, ou de 81,7% em relação a 1989, levando o setor carbonífero à posição inferior na oferta de emprego em 1999, dentre setores, como o cerâmico e o de base plástica (descartável e

---

<sup>16</sup> O equivalente a 5,7% de todas as vagas fechadas em Santa Catarina no primeiro ano de Governo Collor, segundo SANTOS, 2002.

<sup>17</sup> “Em menos de um ano os trabalhadores já haviam tirado a empresa do vermelho e produziam 25 mil toneladas de carvão pré-lavado e 80 mil t de carvão bruto/mês. Nos sete meses de trabalho a administração reduziu a jornada de trabalho de 36 para 30 horas, adiantou o 13º salário, incorporou todas as URPs aos salários e abriu duas novas minas, gerando mais de 200 empregos. Era a vitória da administração operária que funcionava através de uma comissão de mina eleita pelos mineiros. Esta comissão se reunia a cada 15 dias e ali decidia todas as questões administrativas de cada mina”, segundo CHOINACKI, 1993:40.

embalagens), que até então absorve menor número de trabalhadores, uma vez que o cerâmico empregava 4.614 e as indústrias de base plástica (descartáveis e embalagens) 4.202, ficando pouco acima do subsegmento de descartáveis plásticos (2.399).

Além da redução das vagas no mercado de trabalho, outra mudança que se percebeu foi em relação à sua distribuição entre as indústrias. Na década de 1980, as quatro maiores empregadoras eram a CCU, Criciúma, Próspera e CBCA, que foram, ao longo dos anos, aumentando sua concentração da mão-de-obra. Em 1980, elas absorviam 67,5% do total dos trabalhadores empregados nas indústrias carboníferas do Santa Catarina. O terceiro e o quarto lugar foram, na década de 1980, a Criciúma e a CBCA. O primeiro lugar quase sempre estava com a CCU e o segundo lugar com a Próspera, havendo anos em que elas trocavam de posição. Em 1990 as quatro maiores empregadoras já concentravam 82,2%, quando a Próspera deixou de ser uma grande empregadora, passando de 26,6%, em 1987, para 8,7% em 1992, ano em que iniciou uma lenta recuperação, chegando em 1989 com 20% da mão-de-obra empregada no setor. A partir de 1990, começou uma redistribuição da mão-de-obra, baixando a concentração de 82,2% entre as quatro maiores empregadoras para 64,2% em 1995, sendo elas a Criciúma, Metropolitana, CCU e a Cooperminas, ex-CBCA. Na segunda metade da década de 1990 voltamos a contar com um aumento da concentração da mão-de-obra entre as quatro maiores empregadoras, na ordem de 73,1% para 1999, e com uma mudança das maiores empregadoras, com o fechamento da Nova Próspera e com a reativação das minas da Rio Deserto, que ocupou o lugar da CCU, ambas do Grupo Empresas Rio Deserto.

Devemos registrar que em 1987, quando a CBCA passou para as mãos dos mineiros, ela absorvia 7,6% da mão-de-obra empregada no setor carbonífero. Tendo como proposta a não-demissão de seus colaboradores cooperados, foi aumentada sua participação no total da mão-de-obra até 1994, quando atingiu 19,6%. A partir dali alguns de seus cooperados começaram a se aposentar, fazendo com que os índices de participação no número total de trabalhadores do setor viesse a cair. É importante registrar que ela é a carbonífera que paga os melhores salários do setor. Talvez essa seja a razão pela qual os empresários do carvão, de maneira geral, eram favoráveis ao fim da ex-CBCA, atual Cooperminas, e ao arrendamento das licenças de lavra a outra empresa,

---

<sup>18</sup> CHOINACKI, 1993:44.